

O mito do adulto

Entrevista com GEORGES LAPASSADE*

L. SOCZKA — Georges Lapassade, tu escreveste um livro (*L'Entrée dans la Vie*) que aborda o problema do adulto. Poderias fazer-nos um resumo da tese que aí defendeste?

G. LAPASSADE — A tese resume-se muito simplesmente. Em poucas palavras, direi que o conceito não é um conceito, precisamente, e que a palavra «adulto» é uma palavra que não coincide com uma realidade psicológica ou sociológica. Que talvez haja uma realidade biológica do estado adulto, mas que nas Ciências Sociais e Humanas o termo deixa de ser operacional e passa a ter uma função puramente ideológica, e direi mesmo repressiva. É preciso dizer que do ponto de vista biológico, com excepção do caso da neotenia, a palavra adulto designa o fim do crescimento. *Adultus est*, o que em latim significa o estado do organismo que parou de crescer. Por exemplo, pode dizer-se que quando o girino se metamorfoseou em rã, chegou ao seu estado adulto, à sua forma definitiva. Ora, adulto pode então significar a chegada à forma definitiva, é o que acontece na metamorfose, que conduz imediatamente à for-

ma adulta, como no insecto perfeito, digamos, após a fase larvar; ou então, após a metamorfose pode ainda haver um período de maturação, no fim do qual o animal adquiriu a sua forma definitiva. Mas já na Biologia se encontram excepções, e penso numa em particular, a que dediquei um capítulo do meu livro *L'Entrée dans la Vie*. É o caso da neotenia. Trata-se de um fenómeno já observado por Darwin e explicado mais tarde por Dumeril e por biólogos franceses, creio, por volta de 1870, e entre 1870 e 1914, que fizeram investigações sobre o estado de neotenia, ou seja: da conservação das formas juvenis que se tornam formas definitivas. Nalguns casos, a forma, o girino, não faz a sua metamorfose e reproduz-se no estado de girino. É o caso do axioloito, que é habitualmente a forma transitória do amblistoma, que na forma perfeita, em certas condições ecológicas, não realiza a sua metamorfose e reproduz-se no estado de girino. Torna-se portanto adulto do ponto de vista sexual, mas do ponto de vista morfológico não é adulto e conserva as suas formas juvenis. Isto é algo sobejamente conhecido. Acrescentarei também que Bolk, um antropólogo ainda demasiado ignorado, produziu em 1926 a hipótese da neotenia da espécie humana. O homem seria, segundo Bolk, a forma neoténica de uma espécie antropomorfa. Bolk dedicava-se à Antropologia

* Psicossociólogo. Professor na Universidade de Vincennes (Paris). Esta entrevista é parte de um conjunto de quatro conversas com G. Lapassade, a editar brevemente em Portugal. À Livraria Bertrand agradecemos a oportunidade de aqui publicarmos em primeira mão este texto.

Física, e deixou-nos estas hipóteses numa grande obra que é um pouco o seu testamento intelectual, *Das Problem der Menschwerdung*, o problema do tornar-se homem. Para Bolk, a forma adulta não é o homem, é o macaco. Faz notar que, do ponto de vista anatómico e fisiológico, o recém-nascido é glabro, o que é característico dos macacos em estado fetal. O homem apresenta, mesmo depois de nascer, características fetais. Essa fetalização, Bolk explica-a por um mecanismo evolutivo que seria o retardar (*retardierung*) e a travagem, devido a fenómenos hormonais, ecológicos, etc., na filogénese da espécie humana, que daria um atraso do processo de crescimento que tornava a adolescência cada vez mais prolongada até ao ponto de a tornar permanente. O homem ficou como o axioloto: não fez a sua metamorfose, não atingiu a sua forma biológica perfeita. O homem seria um «girino» de macaco, um macaco em estado larvar, mantido no seu estado adolescente.

L. S. — Mas, e do ponto de vista psicológico, cognitivo-emocional?

G. L. — Ora do ponto de vista psicológico, o que é curioso é que mais ou menos na mesma altura em que Bolk lançava a sua hipótese, Freud lançava uma hipótese análoga. No mesmo ano. Mas sem conhecer a obra de Bolk. Aliás, já muito antes, em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud fala da evolução bifásica da sexualidade. E porque é que surge o complexo de Édipo? Porque, diz ele, há uma espécie de primeira erupção da maturidade, relativa é claro, mas é já a maturidade que surge por volta dos cinco anos, e que depois é retomada no desenvolvimento, até à puberdade. Ora isto coincide com o facto de que, se quiseres, os antepassados antropóides do homem chegariam à maturidade ao fim de cinco anos. Freud parte da hipótese, igualmente, de que se verificou um decréscimo da velocidade de maturação, do ponto de vista filogenético, no homem, sem no entanto explicar o fenómeno. Trata-se, como disse, da hipótese bolckiana, da qual Freud estava, sem o saber, muito próximo.

Chegou a essa hipótese (a que Bolk chegara por via da antropologia) por via da investigação psicológica, psicanalítica: a fetalização do homem, a sua juvenilização, a sua perda dos caracteres adultos da espécie. Estamos de acordo? Eis, em grandes linhas, como se apresenta o problema do ponto de vista biológico.

Faço notar que Freud teve a ideia, a intuição de tudo isto. Mas o que é necessário acrescentar é que a própria prática da psicanálise, a terapêutica psicanalítica, não tem por objectivo libertar o homem da sua infância, como muitas vezes se pensa, mas *reconciliar o homem com a sua infância*. Quero com isto dizer que, se se tiver uma perspectiva apressada da psicanálise, uma perspectiva um tanto ... normativa e normalizante, conservadora em suma, dir-se-á que as pessoas que se sentem doentes e recorrem ao psicanalista, a neurose, etc., é tudo uma questão de fixação a um estágio infantil do desenvolvimento, ou uma regressão, etc. Bom. Tratar-se-ia então de «libertar» essas pessoas que procuram o psicanalista, através da cura analítica, e cuja evolução pessoal foi bloqueada ...

L. S. — Então a psicanálise teria por função ...

G. L. — ... permitir às pessoas tornarem-se adultas.

L. S. — Exacto. E «libertar» assim o homem da sua infância?

G. L. — Pois.

L. S. — ... encarada portanto como algo negativo?

G. L. — Seria exactamente isso: a infância vista como algo negativo. Ora eu creio que a psicanálise não tem esse objectivo. Freud sabia bem que não é possível libertar o homem da sua infância! Freud tinha o sentido da riqueza da infância, da criatividade e da disponibilidade da criança, tal como Bolk o tinha. Apagar a infância através da cura psicanalítica seria impossível, pois não se pode alterar o inconsciente, e o inconsciente é modelado pela infância. O que se pretende então é reconciliar o homem com a sua infância, permitindo-lhe reencontrar a infância. Não a infantilização, mas a infância.

Penso que isto vai também ao encontro de toda uma linha de pensamento filosófico, Kierkegaard, por exemplo. Talvez Freud tenha admitido a existência de uma maturidade relativa, mas a palavra «adulto» não figura no seu vocabulário, no seu glossário, o que é curioso. Procurei em vão. Penso que Freud admitiu que o homem se constrói, se transforma, evolui, enriquece-se até à morte. A ter de atingir a maturidade, só a atinge na morte. Está em evolução perpétua. É isto que é fundamental no pensamento de Freud. Há bocado eu disse, entre parêntesis, que Bolk pensava o mesmo. Sim. Bolk dizia que o homem se pode tornar um ser inteligente porque as suas células corticais se fetalizaram. Isto é, conservaram a plasticidade (*souplesse*) fetal, e não endureceram num estado adulto de especialização. O que deu a polivalência das células nervosas, de que decorre a possibilidade de ajustamentos mais ricos e a própria corticalização.

L. S. — O que disseste há pouco levanta um problema interessante do ponto de vista antropológico, ou, se quiseres, sociológico. É que há, apesar de tudo, sociedades que produzem o *conceito* de adulto (a nossa é uma delas). Ora, como é que se chega então ao conceito de adulto, por que mecanismos?

G. L. — Repara na sociedade tradicional. Bom. É uma sociedade estável. Mesmo quando não reconhece o estado de adolescência, considera que há dois momentos fundamentais na vida: a infância e a maturidade. A que poderíamos acrescentar a velhice, depois. Mas enfim: ou se está num ou se está noutro momento. Há uma barreira delimitada. Por exemplo, nas sociedades ditas primitivas, há ritos de passagem, de iniciação. Os ritos de passagem, como o demonstrou o antropólogo francês Arnold Van Gennep, não se resumem aos ritos da adolescência. São-no, também, os ritos do nascimento, os do enterro — tudo isto marca passagens na vida. Mas associou-se particularmente os ritos de passagem com os da puberdade, que são apenas um dos casos de ritos de passagem. Esses ritos, também chamados de

iniciação, têm por função, nessas sociedades, auxiliar a criança, o adolescente, a renunciar ao seu estado de infância, de pré-maturidade, e a passar para o campo dos adultos. Daí que muitas vezes haja provas difíceis, de resistência, etc. Daí também decorre o modelo, que é sempre o mesmo nos ritos de passagem, e que Van Gennep analisou muito bem, em três momentos: um *momento de separação* — separa-se a criança do seu meio, com um conjunto de rituais simbólicos: corta-se o cordão umbilical que a une ainda à mãe, se quiseres, teatraliza-se socialmente o momento em que a criança deve abandonar o mundo da infância. O adolescente abandona a sua aldeia para fazer um retiro, passa a um estado de separação, de marginalização. Após a separação, passa algum tempo numa floresta, por exemplo, ou numa casa especial, longe dos seus pais, dos seus amigos. É isolado. Isola-se o grupo dos adolescentes durante um certo tempo. Como aliás em certos rituais religiosos. Após ter aprendido os rituais, regressa à sua aldeia, onde é acolhido pelos homens da sua sociedade, pelos homens adultos. A sociedade *institucionaliza*, portanto, a passagem da infância à idade adulta, à idade dita adulta. Quando se é adulto, é-se suposto tudo saber, já não há aprendizagens a fazer, tem-se o controle do *savoir-vivre* e do *savoir-faire*, renuncia-se à infância, já não é possível comportar-se como uma criança. Diz-se: «Não sejas criança!» Certas liberdades são um privilégio da infância. Renuncia-se a elas em troca de outros privilégios, outras gratificações. As crianças tornaram-se adultos. Já não podem voltar atrás. Fazem parte da sociedade dos adultos, daí em diante.

Ora isto é o modelo corrente. Mas é preciso notar que houve antropólogos que estudaram mais recentemente estes ritos e demonstraram que mesmo assim as coisas são relativas. Isto é, de facto nessas sociedades há ritos de passagem até à morte, há aprendizagem. Num livro de Didier Anzieu, *Phantasme et Formation*, um livro de psicologia social, há uma nota, de que infelizmente não tenho a referência exacta,

creio que é de Thomas (um antropólogo que trabalhou no Senegal), que refere os antropólogos ingleses que introduziram essa correcção: mesmo nas sociedades ditas primitivas, os ritos de passagem à idade adulta são completamente relativos. Já nessas sociedades elementares se sabe que o homem não cessa de crescer até à morte.

L. S. — Isso faz-me pensar na distinção, introduzida pelo etologista inglês Michael Chance, relativamente às sociedades de primatas, entre as *sociedades hedónicas* e as *sociedades agónicas*. Seria então uma característica destas últimas sociedades, a *produção dos adultos*, isto é: de acentuar a dicotomia entre a infância enquanto período de jogo e a adultidade enquanto período de dever e responsabilidade, de poder político, também. É claramente o caso de certas sociedades muito hierarquizadas, como os babuínos.

Ora bem. O que eu te quero perguntar é se achas que se pode fazer uma extensão desta divisão para as sociedades humanas? Por exemplo, os Pigmeus M'buti são uma sociedade muito lúdica. Mesmo os «adultos» passam muito tempo a jogar, a brincar, como as crianças. Não têm uma dicotomia rigorosa entre o adulto e a criança, a transição é muito plástica. A própria passagem da criança a adulto faz-se através de ritos que são executados não pelos próprios Pigmeus mas pelas tribos bantas circumvizinhas, que vivem fora da floresta. São os Bantos quem realiza os ritos de passagem, não os Pigmeus, que se limitam a comer e beber à custa dos vizinhos enquanto duram as cerimónias. Produziram assim uma sociedade onde a infância é permanente. Inversamente, encontramos sociedades muito rígidas, muito hierarquizadas, que se caracterizam pela *produção do adulto*, como entidade institucional, como poder político.

G. L. — Sim. Efectivamente, como poder político. É necessário analisar os adultos em termos de poder, acima de tudo. E de poder sobre as crianças, também. Pode-se dizer que, em última análise, se há adultos (e por adultos

entenda-se a posse plena de comportamentos, capacidade de acção, etc., então são os homens das classes dominantes, dos grupos dominantes da sociedade, que têm o privilégio de ser adultos, e que mantêm as mulheres em estado infantil e de subordinação, por exemplo. O conceito de adulto encontra-se assim ligado a uma espécie de *tomada do poder* e de *dominação*. Gostaria de acrescentar a isto que quando trabalhei sobre a noção, ou melhor, *o mito do adulto*, não quis fazer trabalho de etnologia, ou de antropologia, ou de etologia, ou mesmo de psicanálise, ou de sociologia. Era um trabalho teórico, um trabalho filosófico, de reflexão, que intentava demonstrar que seja qual for o sector em que se faça funcionar a noção de adulto, essa noção funciona mal ou não funciona de todo. O que é curioso (e talvez deva fazer aqui um pouco de autobiografia, ou de auto-análise do meu trabalho), é que o meu primeiro projecto não era proceder à crítica do conceito de adulto, mas, pelo contrário, trabalhar o conceito de *jovem adulto*, o que me fora proposto pelo Professor Daniel Lagache, que então dirigia a minha tese, as minhas pesquisas. Os jovens adultos englobavam esse período entre a adolescência e a idade adulta, entre os 18 e os 25 anos, na categorização habitual. Comecei então a trabalhar nesse tema, e de repente apercebi-me que esse conceito era demasiado impreciso, em toda a literatura científica francesa, inglesa, americana ... Isso pôs-me um problema: fala-se a torto e a direito dos jovens adultos, dos velhos adultos, dos adultos, mas afinal o que é que significa essa palavra «adulto»? À força de investigar, disse: não existe. Não tem sentido. Os sentidos atribuídos à palavra «adulto» eram tantos que a palavra perdera totalmente qualquer significado preciso. Estava perante um termo que em parte nenhuma tinha um valor garantido.

Ora bem, peguemos no campo do pensamento político. Também aí se fala de «maturidade das massas» ou de «imaturidade das massas». Por exemplo, um texto de Rosa Luxemburgo: «Estão as massas maduras?» E

há montes de textos de Lenine sobre este assunto. Mas o que é isso, a «maturidade» das massas? Havia também outra ideia a esta ligada, a de «maturidade histórica», no pensamento das Luzes. Na filosofia do período das Luzes, Kant diz: «O que são as Luzes? São o Homem que atingiu a sua maturidade.» Mas que homem é este que atingiu a «maturidade»? É a burguesia! É a classe dominante da época, é a burguesia chegada à plena posse das suas faculdades que proclama a maturidade da História. É Hegel, proclamando que a História atingiu a maturidade, proclamando a burocracia prusiana, o Estado burocrático mundial. Mais uma vez, apercebemo-nos de que a ideia da maturidade é uma ideologia, e que quando se faz uma reflexão mais profunda sobre o assunto se chega a posições como as de Trotsky, e dos chineses, dos maoístas, nalguns casos, que falam de revolução permanente, ou de revolução ininterrupta. É claro que se proclama num dado momento que a Revolução acabou e atingiu a idade adulta, então é o Gulag! A idade adulta é a instalação num estado repressivo. É por isso que Engels dizia que a ideia de completamento da História não faz sentido nenhum. A História não se pode completar. Creio que um dos sentidos da ideia de revolução permanente é combater a ideia de uma revolução que passa por certos estádios para chegar a um estado de perfeição da Humanidade, um estado de felicidade, de satisfação de todas as necessidades — sem conflitos, ao fim e ao cabo; perfeito acabado, uma espécie de Paraíso. É uma ideia fantasmática, à qual se opõe a ideia da necessidade de retomar continuamente o processo de transformação, de mudança, que é conotado pelo conceito de revolução permanente ou de revolução ininterrupta. Destruir incessantemente o que se tenta edificar como estado de cristalização, ou seja: como estado adulto. O estado adulto da História é um Estado cristalizado, um Estado burocratizado, é em última análise a morte de uma sociedade, e consiste em infantilizar o conjunto da sociedade numa situação de dependência e de constrangimento.

Por aqui se vê que do ponto de vista do pensamento sociológico e político — e também podemos demonstrá-lo no campo da dinâmica de grupo, quando em psicologia social se fala de um grupo «estável», de um grupo «adulto», de um grupo que tem uma conduta «refletida» — o que é que tudo isto significa senão aquilo que Sartre denunciou num dado momento, em Kurt Lewin, como o «fetichismo da totalidade», quando Sartre fez a crítica da *Gestalt*? A isto opõe Sartre a ideia de que os grupos nunca estão completados, o grupo é um estado de autoprodução permanente de si próprio, de inacabamento constante. O grupo é sempre totalização em processo, e processo de totalização, e nunca totalidade acabada. Totalidade acabada significa: tentativa de atingir um estado de acabamento que nunca se realiza. Um grupo passa o seu tempo a transformar-se sem nunca chegar a um estado de estabilização, ou se aí chega morre, desfaz-se.

Ora bem, para te resumir a coisa: o que é necessário pôr em questão, e finalmente recusar, é a ideia de um acabamento do homem. Creio que o homem é dos pontos de vista, biológico, psicológico, social, um ser definitivamente inacabado. O progresso consiste não em procurar atingir um acabamento mas sim em instalar-se no inacabamento.

JOSÉ GABRIEL PEREIRA BASTOS — Gostaria de te fazer uma pergunta. Como é que explicas que em 1951 Erik Erikson tenha produzido uma perspectiva da ontogénese em oito etapas que punha ponto final ao conceito de adulto e que os psicólogos genéticos tentem voltar atrás e encontrar etapas de formação até à adolescência, como se existissem o adolescente, o adulto e o velho, mas como se entre os 25 e os 60 anos, num período de 35 anos, não se dessem transformações nenhuma?

G. L. — Exacto. Em que trabalho é que Erikson fala disso?

J. G. P. B. — *Childhood and Society*, 1951. É um trabalho que já vinha de 1947. Apresenta um modelo do crescimento em oito etapas, das

quais quatro para o «adulto»: procura da identidade, intimidade, geratividade e integridade.

G. L. — Mas não designava isso pela palavra adulto?

J. G. P. B. — Não, nunca utiliza o conceito de adulto. Tudo o que há são etapas, cada uma das quais tem a ver com um problema vital de base que é necessário resolver. Muda-se para a etapa seguinte quando se começa a ter um problema vital diferente. Quando se muda de problema, muda-se de etapa, mas não existe o conceito de adulto.

G. L. — Pois. Foi precisamente isso que eu disse há bocado ... Só lamento não ter conhecido essa obra de Erikson quando fiz o meu trabalho.

J. G. P. B. — É um psicanalista muito conhecido na América, um psicanalista da psicologia do Ego ...

G. L. — Erikson?

J. G. P. B. — Sim.

G. L. — Ah.

J. G. P. B. — Porque é que os psicólogos continuam a não querer ver que se trata de um conceito ultrapassado, o de adulto? Porque é que tentam sempre voltar atrás e recomeçar com o jogo da psicologia da adolescência, da psicologia do adulto, etc.?

G. L. — Encontramos isso em Piaget, sim. É aquilo a que chamo em Piaget o «adulto-padrão». Aliás isto desagradou à brava ao Piaget, não gostou nada e ficou todo zangado quando fiz esta crítica à sua obra. Mas até mesmo Wallon cai no mesmo, se bem que Wallon seja mais dialéctico, mais plástico. Mas também ele edificou uma imagem normativa da ontogénese. Em Piaget, então, é evidente.

L. S. — Ah, mas Piaget também diz que o ideal dele é ser, até à morte, uma criança, porque a infância é a fase eminentemente criadora! Acho que dizer isso é desconhecer Piaget ...

G. L. — Creio que a coisa tem a ver, antes de mais, com o prestígio muito forte de que gozam os psicólogos genéticos, mas que não fazem mais do que traduzir numa linguagem que pretendem

científica os preconceitos fundamentais da sociedade em que estão mergulhados. Ora essa sociedade, por mil e uma razões, mais uma vez, conserva a noção de «adulto», que aparece como uma evidência não criticada, que pertence ao senso comum. Ser adulto, entrar na vida, é ganhar o seu primeiro salário, é usar calças compridas, é casar-se, é ter meninos. Enfim, isto muda, evidentemente, segundo as sociedades, mas de modo geral é assim. Portanto parece evidente que num dado momento o ser humano deixa de ser uma criança, deixa de crescer (é claro que a estatura se estabiliza, é verdade), e então tudo parece indicar que na nossa sociedade aí pelos 25 anos o crescimento psicológico tem fim, os testes demonstraram-no, etc. Aí chegados, chega-se ao estado estável, ao estado de maturidade, que muda conforme as sociedades, mas de forma geral corresponde a uma pressão social interiorizada que instala a maturidade no ser humano, que o constringe à maturidade. É verdade que os psicólogos não se esforçam por abrir uma brecha crítica neste conceito, de desembaraçar a psicologia genética, e a psicologia *tout court* deste conceito. Salvo algumas excepções, aqui e ali, pensadores, filósofos, psicólogos, que tiveram disso o presentimento, mas de forma geral ficaram-se pela vertente mais forte, a que tu te referias há bocado, e onde se encontra a adolescência, a maturidade, a velhice, etc. ...

J. G. P. B. — No fim do século XIX o poder estava nas mãos das pessoas que tinham 60-80 anos. E conhecemos grandes políticos que o foram aos 80 anos. Neste momento a ideologia converge para colocar o máximo de poder aos 40-45 anos. Começou-se a falar da velhice como segunda infância: «os velhos são como as crianças». Na psicanálise encontra-se também a ideia de que o homem luta todos os dias com a nostalgia da sua infância.

G. L. — Foi isso que eu disse, de facto.

J. G. P. B. — Ora eu pergunto-me se não haverá um mecanismo político de produção de um pólo infantil nos adultos? Isto é: em todas as sociedades há sempre no grupo dos adultos dois

subgrupos. O subgrupo dos que produzem o esforço, e têm o dever de o produzir, para que a sociedade se mantenha; e outro subgrupo que não tem de fazer esforço. Era a aristocracia dos séculos XVI-XVIII. Não tinha de trabalhar: dançava, tocava cravo, desbaratava riquezas. O rei era como uma criança, dizia-se. A burguesia veio acabar com isto. Tentou acabar com os adultos que não servem para nada. As actuais monarquias conservam ainda essa instituição social, essa família infantilizada, que serve apenas de pólo fantasmático na sociedade: um máximo de poder com um mínimo de responsabilidade social, ou de esforço. O que eu pergunto é se não começarão agora a surgir estes dois pólos em duas gerações, ou duas etapas vitais: o adulto, que tem de desenvolver demasiados esforços (os «quadros» das empresas, os professores universitários, que vivem em *stress*, que desenvolvem esforços estúpidos para ultrapassar *records* anteriores), e uma etapa em que se pode de novo ser criança, a velhice.

G. L. — Ou seja, aquilo que faz o pólo adulto, é o pólo das responsabilidades sociais e do poder social.

J. G. P. B. — E do esforço ...

G. L. — E do esforço. E do trabalho, portanto. E aqui chegamos a uma ideia social que começa a ser muito criticada, a de esforço, de produção, de trabalho. É mesmo algo que é posto em questão no pensamento socialista, no pensamento marxista. É verdade que Marx dizia que o socialismo permitiria um maior desenvolvimento das forças produtivas, uma libertação das forças produtivas, que cessariam de crescer no capitalismo (o que aliás é falso). Contra esta ideia vão neste momento todos os ecologistas, dado que se prova que o desenvolvimento das forças produtivas industriais tem resultados desastrosos, etc. — sabemos-lo agora. Ora esta ideia do valor fundamental do trabalho começa cada vez mais a ser criticada teoricamente. Mas também praticamente, pelas novas gerações, de há uns vinte anos para cá. Assistimos aos fenómenos de abandono, de deserção perante o trabalho, de jovens operá-

rios que decidem fazer o menos possível, da ideologia *beatnik*, *hippie*, etc. — enfim, ganhar a vida à justa para tentar gozar a vida o mais possível sem investir um labor obstinado, sem valorizar demasiado o trabalho como produção de bens, como condição de vida, como dor necessária à vida — um pouco como no parto sem dor, enfim ...

L. S. — Trata-se de uma recusa do estado de adulto.

G. L. — Ah, é a recusa de algo que efectivamente estava ligado ao estado de adulto. O adulto é o trabalhador. A destruição da valorização do trabalho. é a destruição da valorização do adulto enquanto ideologia do trabalho.

L. S. — E como masoquismo.

G. L. — E como masoquismo! É isso.

J. G. P. B. — E como sadismo.

G. L. — Sim, é isso! É um dos processos a que assistimos na sociedade moderna. Há também o tema do «ficar jovem», etc.

L. S. — A publicidade ...

G. L. — A publicidade, sim. Cada vez nos afastamos mais da ideia do adulto, estabelecido, trabalhador, sério, consciencioso, etc.

L. S. — Bom. Então, voltando ao tema de há bocado, o adulto é o poder, é a ordem. Retomo então o tema etológico. Nos primatas o adulto não é apenas o que pode reproduzir-se, do ponto de vista da sua maturidade sexual. O adulto é fundamentalmente aquele que detém o poder. O que passa, nas sociedades de primatas, pelo controle das fêmeas, dos jovens. A conquista do poder faz-se sempre através de uma cisão (os jovens separam-se e vão fazer a loja para outro lado) ou de um derrube dos poderes, do macho ou machos dominantes. Ora, gostava de saber o que pensas das teses de Moscovici e de Morin?

G. L. — Ora bem, Moscovici e Morin tentam enraizar a sociedade na natureza. É a grande ideia dos nossos dias, e é profundamente verdadeira e positiva. É perfeitamente válido não separar a cultura e a natureza, e, pelo contrário, demonstrar que os comportamentos sociais estão profundamente enraizados na natureza. Não

está errado partir-se dos fenómenos sociais do mundo animal para tentar compreender melhor os fenómenos sociais humanos.

L. S. — Mas isso tem implicações, sabes? Nas teses clássicas encontrava-se uma explicação para a divisão do poder ideológico e político a partir da divisão dos poderes económicos. Ora o que essas investigações nos vêm revelar é que há primeiro uma divisão do poder político, baseado no poder sexual, no poder do adulto. É prévia à alienação económica, à alienação ideológica, a alienação política. É a subversão da tese tradicional.

G. L. — É exacto. E não é de espantar que um dos primeiros trabalhos de Edgar Morin (*L'Homme et la Mort*) recorra a Bolk, e ao fenómeno da neotenia, legitimando o facto de se partir da observação da natureza (como eu próprio fiz ao recorrer ao conceito de neotenia) para compreender os fenómenos culturais humanos.

L. S. — Sim, mas não deixamos lá por isso de encontrar leituras ideológicas da cultura que assentam em bases naturalistas. Refiro-me a Konrad Lorenz, que interpreta a crise de gerações, o conflito entre gerações na espécie humana, partindo de dados etológicos simples, de sociedades animais.

E já agora aproveito para observar que creio recordar-me que puseste em causa esta noção de sociedades animais, na tua conferência da Reitoria, há quinze dias ...

G. L. — Ah, sim?

L. S. — Sim. Disseste que não havia sociedades sem instituições, sem linguagem, sem símbolos.

G. L. — Mas há simbolizações e linguagens nos animais!

L. S. — Linguagens? Articuladas e tudo? ...

G. L. — Bem, não ... Enfim, comunicações!

L. S. — Ah, comunicações. Bom, então fui eu que compreendi mal.

G. L. — Espera aí, eu não disse nada disso! O que eu disse (há contra-sensos chatos!) foi o que disse algures o Castoriadis, que não podemos imaginar uma sociedade sem instituições ...

L. S. — Portanto, a cultura é a instituição.

G. L. — Sim, a sociedade humana é a instituição. Tal como é difícil imaginar uma sociedade sem linguagem. O que não significa que se negue a existência de sociedades animais. Há ou não há instituições nas sociedades animais? É provável que as haja, não?

L. S. — Diz-me o que é uma instituição que eu logo te respondo.

G. L. — Pois, isso levanta-nos um problema: o que é uma instituição? É uma questão que não está resolvida. E o que é a linguagem, afinal? Bem, mas tudo isto era para pôr em questão um mito da revolução, um mito, uma utopia das pessoas que dizem: todas as instituições são más, e portanto uma revolução perfeita poria fim às instituições sociais. Mas o que significa uma sociedade sem instituições? Sem meios de comunicação, sem meios de troca, sem meios de organização — não é possível uma sociedade sem instituições. O que não significa que as nossas instituições sejam boas. Eu não disse nada disso. Não disse que eram eternas, não creio que o sejam, nem um bocadinho. Todas as instituições que nós conhecemos podem desaparecer, quer seja a Escola, a Igreja, o Casa-mento, o Salário, o Dinheiro. Mas isso não quer dizer que após o desaparecimento dessas instituições seja possível uma sociedade sem instituições.

L. S. — Bom. Mas para voltarmos à batata quente, dado que nos afastamos um pouco do tema central, que é o adulto ...

G. L. — O Adulto é também uma instituição.

L. S. — Pois é.

G. L. — O Adulto é, aliás, o instituído. O oposto do instituinte.

L. S. — Mas volto ao problema que é a passagem da leitura naturalista do conflito de gerações, do qual Lorenz demonstra o carácter adaptativo no tocante às sociedades animais, à leitura, digamos: culturalista, do problema. O conflito entre o instituído adulto e aqueles que querem por seu turno ocupar esse estatuto.

G. L. — O que pergunto é se esse conflito de gerações será tão forte como isso, na nossa

sociedade. Onde é que nós vemos verdadeiramente jovens lutando para se tornarem adultos? Lutando para substituir os adultos, entre nós, nas nossas sociedades ocidentais, capitalistas?! Vocês vêem isso?! Talvez no campo político, talvez nos partidos políticos, se verifique uma questão de «tira-te-d'aí-para-eu-me-pôr-lá», mas isso são lutas interiores a um sistema burocrático. Mas será um fenómeno social geral, podemos de facto dizer que todos os jovens desejam nos nossos dias tornar-se adultos, substituir os adultos? Não tenho nada a certeza disso.

L. S. — Portanto, não há conflito de gerações?

G. L. — É como a questão da crise da adolescência ... O que vem a ser isso do conflito de gerações? O que está por detrás disto tudo é o facto de as ciências sociais, as ciências humanas, a psicologia, a sociologia, funcionarem com conceitos recolhidos na rua. Foram buscar coisas que pertencem à linguagem corrente, como essa da crise das gerações, que apareceu antes de mais no domínio da literatura, para descrever fenómenos como o romantismo. Por exemplo, em Coimbra, no fim do século passado, os estudantes estavam de facto em conflito com a geração dos mestres, com a velha escola académica, para tentar definir novos valores artísticos. No domínio da literatura, é claro, há conflitos desse tipo, entre os antigos e os modernos. E fala-se então de conflito de gerações. Mas não se trata de gerações, mas de uma parte da juventude que quer defender os seus próprios valores contra os valores defendidos por anciãos, velhos académicos. É um fenómeno constante na arte. Na arte há sempre a substituição do antigo pelo novo. Caso contrário não há arte. Num dado momento o gótico substitui o românico, etc. Mas a partir desta constatação começou-se a falar de uma lei geral, de conflitos de gerações, como se falou da crise da adolescência. Toda a gente dizia que a crise da adolescência era fenómeno universal. Por todo o lado a criança passa a adolescente no meio de uma crise dos diabos, que Jean-Jacques Rousseau foi o primeiro a descrever, no *Émile*, com as

tempestades, as rupturas, o acesso à vida sexual, enfim: o grande tumulto interior. Ora hoje sabemos, os antropólogos mostraram isso, Margaret Mead entre outros, que há sociedades onde a adolescência não apresenta crise alguma. No livro *Coming of Age in Samoa*. A partir de então tornámo-nos mais prudentes quanto às «crises da adolescência», que tendem a desaparecer cada vez mais da psicologia genética. Os psicólogos falam cada vez menos de crise da adolescência!

J. G. P. B. — Sim, mas ...

G. L. — No início dizia-se: a crise da adolescência! Tomava-se um fenómeno da nossa sociedade por um fenómeno geral.

J. G. P. B. — Sim, mas pergunto se a magnificação da crise da adolescência não é uma forma ideológica de denegar a existência das crises dos 25, 35, 45 anos? Penso que há escritores, como Balzac, que viram muito bem que uma mulher de 18 anos não é o mesmo que uma mulher de 35. Há escritores, há psicólogos, mas são uma minoria, que sabem muito bem que a crise existe sempre. Ora quando os psicólogos pegam na temática da crise da adolescência, pergunto a mim próprio porque é que eles nunca pegam na crise dos 35 anos como objecto de estudo científico?

G. L. — Para já, por uma razão muito simples. É que as pessoas aperceberam-se de que não existe uma psicologia das fases do adulto. A psicologia do adulto é a psicologia geral. A psicologia genética pára precisamente naquilo a que se chama a idade adulta. Toda a gente sabe isso. Segue-se o desenvolvimento da criança dia a dia, quase hora a hora. Gesell, por exemplo, descreve minuciosamente, dia a dia, a evolução da criança. Mas depois? ...

J. G. P. B. — E Bianca Zazzo, com os adolescentes ...

G. L. — E depois? Quando se chega aos 20 anos? Acabou! Não existe nenhuma literatura sobre o assunto, ou é muito vaga, muito escassa, muito geral. Tanto quanto sei não há investigações nessa linha; enfim, já não me dedico há muito à psicologia genética, mas ...

J. G. P. B. — É então um tabu?

G. L. — Bem ... sim ... talvez seja um tabu, sim. Bem, talvez seja demasiado dizer que é um tabu. Pode-se dizer, simplesmente, que se seguiu o senso comum e se considerou que a partir daí já não acontecia nada. Acabou. É como os lobinhos que o Luís tem lá dentro. Os lobos pequenos são giros, são interessantes, educamo-los, socializamo-los, e de repente vão tornar-se uns lobos enormes, uns lobos adultos, e acabou ... o Luís Soczka volta a pô-los no Jardim Zoológico. Esperarão aí a morte, será o fim para eles ... Deixarão de ser interessantes, terminarão a fase de crescimento, desenvolvimento, etc. Tornam-se grandes, adultos, já não terão história.

L. S. — Olha que não, doutor, olha que não ...

G. L. — Ora quando se afirma que os adultos não existem, é necessário fazer uma psicologia genética até à morte.

J. G. P. B. — Sim.

G. L. — É necessário descrever as fases que vão até à morte. Foi o que me impressionou no caso dos «jovens adultos». E se Lagache me pediu para trabalhar neste campo foi justamente porque sabia que não existiam trabalhos sobre os jovens adultos. Há milhares de trabalhos que se detêm na adolescência, mas muito poucos abordam os jovens adultos, e ainda menos tratam do chamado adulto. Mais uma vez é preciso insistir no facto de que a ideia de que há adultos estabilizados na idade adulta evacuou a exigência de se elaborar uma psicologia genética dessa fase da vida.

J. G. P. B. — Isso recorda-me algo; creio que foi Freud quem disse que o homem começou sempre por estudar aquilo que estava mais longe de si próprio: a astrologia, a mineralogia, a geometria, a física, a química. O corpo humano só muito tarde foi estudado. A sociologia começa no século XIX. A psicologia ...

G. L. — A psicologia, como dizia Ribot, creio, é a psicologia do homem adulto, branco, civilizado. É curiosa esta associação. Branco, adulto, civilizado!

J. G. P. B. — E do sexo masculino!

G. L. — Sim, e masculino.

J. G. P. B. — E burguês.

G. L. — Bom, está bem, podem-se acrescentar todas essas características, sim ... Mas é gira essa posição: branco por oposição a negro, adulto por oposição a criança e civilizado por oposição a selvagem. A psicologia é isso.

L. S. — Logo, criança igual a primitivo?

G. L. — Sim: criança inclui animal e primitivo.

J. G. P. B. — ... e a mulher?

G. L. — Bem, não vamos incluir a mulher porque há movimentos feministas! Adiante, adiante ... Bem, vamos lá acabar com isto e comer mais umas bolachinhas porque já estou cansado!

Lisboa, 9 de Julho de 1977
(*Transcrito do gravador*)